

Superfície especular, texto especulativo – Machado de Assis e uma leitura do conto “O espelho”

Doutorando Daniel Reizinger Bonomo¹

Resumo

A variedade do conjunto de textos que compõe a obra de Machado de Assis é acompanhada da complexidade de um imaginário que flutua em torno de sua figura pública e de seu nome de escritor. A partir de uma leitura do conto “O espelho” e da observação de problemas que pertencem ao seu tema central, nosso texto traça relações entre a vida e a obra de Machado de Assis, bem como trata da representação literária do indivíduo moderno como um sujeito incerto e pleno de dúvidas. Levando a efeito a “teoria da alma humana” machadiana, procede-se aqui ao esboço de uma “alma exterior” do autor de Quincas Borba.

Palavras-chave: literatura brasileira, Machado de Assis, espelho e representação

Introdução

Na advertência escrita por Machado de Assis e destinada à coleção de textos reunidos sob o título de *Relíquias de casa velha*, em 1906, lemos o seguinte:

Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, idéias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título. (ASSIS, 2004, vol. II, p. 658.)

A reedição de seu romance de 1874, *A mão e a luva*, um ano após as *Relíquias*, traria em sua igual advertência uma nota complementar:

Os trinta e tantos anos decorridos do aparecimento desta novela à reimpressão que ora se faz parece que explicam as diferenças de composição e de maneira do autor. Se este não lhe daria agora a mesma feição, é certo que lha deu outrora, e, ao cabo, tudo pode servir a definir a mesma pessoa. (ASSIS, 2004, vol. I, p. 198.)

Sugere-se, nesses recortes, uma possível relação entre a “vida” do autor e a sua produção ficcional. A “casa”, já “velha” em 1906, situa a passagem do tempo no entendimento do autor; tempo que faz o trabalho contínuo de Machado de Assis resultar, como se sabe, numa unidade cindível. Em geral, o conjunto de textos que leva a sua assinatura é separado em duas fases distintas: a primeira composta dos textos que antecedem à publicação das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1881; e a segunda, *major phase*, composta daqueles considerados seus grandes livros: a produção que vai das *Memórias* ao *Memorial de Aires* (1908).²

Enquanto a distância temporal assume, nas advertências citadas, a responsabilidade pela distância encontrada na feição estética dos textos das “fases” machadianas, deve também ser notada a presença de uma unidade para a obra: sua comunidade de origem numa “mesma pessoa”, tal como se nomeia a autoria.

1 “O espelho”

O conto “O espelho”, do conjunto reunido em *Papéis avulsos* (1882), é deste considerado o período inicial da “segunda fase” de Machado de Assis, publicado um ano após as *Memórias póstumas de Brás Cubas*. O texto apresenta a seguinte situação: alguns poucos “cavalheiros” estão reunidos em uma luarenta noite carioca, investigando “ cousas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo” (ASSIS, 2004, vol. II, p. 345). Entre os cavalheiros está Jacobina, calado, evitando a conversa, pois inimigo das discussões e controvérsias. “Astuto e cáustico”, Jacobina propõe um relato, um episódio, já que as considerações na conversa de seus companheiros a respeito da “natureza da alma” não chegavam a um consenso. Se todos ali presentes estivessem dispostos a escutar o caso, sem interrupções para polêmicas, Jacobina estaria disposto a contá-lo.

Surgem a narração e o episódio: Jacobina, jovem, recém-nomeado alferes, dirige-se a um sítio “escuso e solitário”, propriedade de sua tia Marcolina, que está orgulhosa do novo posto de seu sobrinho, naquele tempo o “senhor alferes”. Alvo de um notável reconhecimento do valor de sua posição na guarda nacional, Jacobina, encontrando-se após uma inesperada viagem da tia, seguida da fuga de seus escravos, num estado de solidão absoluta, passa a sofrer a ausência daquilo que até então o preenchia: a bajulação, “a cortesia e os rapapés da casa”. O vazio da condição mostra a Jacobina sua dependência: olhando certo dia para um precioso espelho, Jacobina notou que desaparecera o seu reflexo, restando somente “sombra de sombra”. Confirma-se assim, neste ponto, a afirmação inicial de Jacobina de que cada “criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” (ASSIS, 2004, vol. II, p. 346), a “alma exterior”, pois ao vestir sua farda de alferes e voltar novamente seus olhos para o espelho, Jacobina recupera sua imagem perdida.

Como já observou Antonio Candido, a força deste conto não está propriamente numa conclusão “banal”, na qual a “farda do Alferes era também a alma do Alferes, uma das duas que todo homem possui, segundo o narrador, porque manifesta o seu ‘ser através dos outros’, sem o que nada somos”, mas residiria, antes, na

[...] utilização admirável da farda simbólica e do espelho monumental no deserto da fazenda abandonada, construindo uma espécie de alegoria moderna das divisões da personalidade e da relatividade do ser. (CANDIDO, 1977, p. 24.)

Antonio Candido ainda lembra a recuperação da “velha alegoria da sombra perdida”, em que Machado de Assis dialoga com o tema do *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* (*A história maravilhosa de Peter Schlemihl*), de Adelbert von Chamisso. Partindo dessa observação, seria oportuno apontar de que modo o autor brasileiro contribui para o conjunto de realizações literárias que constituem a tradição do *Doppelgänger* (o “duplo”).

A literatura mais à volta do tema do *Doppelgänger* é a do período romântico alemão, entre os séculos XVIII e XIX, no qual filósofos como J. G. Fichte ou Jean Paul expuseram problemas próprios de uma experiência que se subjetiva e relativiza os seus fundamentos. Tais investigações, no plano filosófico, inflacionaram as considerações sobre uma suposta unidade das personalidades – o “eu”. A literatura, por sua vez, investe numa esfera fantasiosa de sombras e espelhos, a ficção dos casos. Assim, de Goethe (*Os anos de*

aprendizagem de Wilhelm Meister) a Robert Musil (*O homem sem qualidades*), passando pela psicanálise de Freud (*Das Unheimliche*, 1919), vários são os autores ocupados da questão: E. T. A. Hoffmann, Jakob Grimm e Achim von Arnim, Clemens Brentano, Hans Christian Andersen, ou ainda o escocês Robert Louis Stevenson, e seu *The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde* (1886). Este último, por exemplo, trata a divisão da personalidade de modo binário, ou seja, dr. Jekyll é também Edward Hyde, mas não simultaneamente, sendo antes um caso de alternância – coexistência de duas personalidades distintas em uma única personagem.

Desviando de uma concepção bipolar e alternante da personalidade ou de um universo aterrorizante e fantasmagórico comum a textos envoltos pelo tema do *Doppelgänger*, Machado de Assis contribui com “O espelho” em termos outros. A chave de sua narrativa parece estar nos *Aforismos para a sabedoria de vida*, de Arthur Schopenhauer, cujo levantamento dos títulos pertencentes ao escritor indica haver duas edições em sua biblioteca, uma em língua alemã e outra em língua francesa.³ Os *Aforismos* de Schopenhauer trazem a seguinte consideração:

[...] digo que o que estabelece a diferença na sorte dos mortais pode ser reduzido a três determinações fundamentais. São elas:

- 1) O que alguém *é*: portanto, a personalidade no sentido mais amplo. Nessa categoria, incluem-se a saúde, a força, a beleza, o temperamento, o caráter moral, a inteligência e seu cultivo.
- 2) O que alguém *tem*: portanto, propriedade e posse em qualquer sentido.
- 3) O que alguém *representa*: por essa expressão, como se sabe, compreende-se o que alguém é na representação dos outros, portanto, propriamente como *vem a ser representado* por eles. Consiste, por conseguinte, nas opiniões deles a seu respeito, e divide-se em honra, posição e glória. (SCHOPENHAUER, 2002, p. 73.)

A divisão operada por Schopenhauer, se submetida à “nova teoria da alma humana” de Machado de Assis, poderia ser mais uma vez dividida: a) aquilo que alguém *é* pode ser tomado como a “alma” que “olha de dentro para fora”; b) aquilo que alguém *tem* e aquilo que alguém *representa* estariam ambos ligados à “alma” que “olha de fora para dentro”. Por exemplo, refere-se Jacobina a casos “em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa”, ou então “um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor”, ou seja, objetos possuídos com exclusividade.⁴ Assim também, apreende-se do episódio central do conto que a “posição”, como aquilo que alguém “é na representação dos outros”, faz da cortesia e dos “rapapés da casa” à farda de alferes componentes da alma exterior de Jacobina. Para Schopenhauer, a alma exterior de Jacobina provavelmente estaria com o que ele denominou “honra do cargo”:

Quanto mais importante for o círculo de ação de um homem no Estado, logo, quanto mais elevado e influente for o posto ocupado, tanto mais elevado tem de ser a opinião sobre as capacidades intelectuais e as qualidades morais que o tornam apto para ocupá-lo; por conseguinte, o grau de sua honra, que se exprime por meio de seus títulos, condecorações etc., eleva-se progressivamente na mesma medida que o comportamento subordinado dos outros em relação a ele. (SCHOPENHAUER, 2002, p. 80.)

Se até aqui as observações da eudemonologia schopenhaueriana parecem estar de acordo com o texto de Machado de Assis, será naquilo que alguém *é* que situaremos o lugar da especificidade do autor brasileiro. Schopenhauer confere àquilo que se possui e àquilo que alguém vem a ser na representação dos outros uma importância secundária, de pouco valor para o indivíduo que estiver seguro em algo como suas qualidades intrínsecas, pois o “que alguém *é* e tem em si mesmo, ou seja, a personalidade e seu valor, *é* o único contributo imediato para a sua felicidade e para o seu bem-estar” (SCHOPENHAUER, 2002, p. 15). Na “teoria” de Jacobina o cálculo *é* outro, e aquilo que possuímos ou somos na representação dos outros *é* tão representativo e necessário quanto o que somos em nossa “alma interior”: “as duas completam o homem, que *é*, metafisicamente falando, uma laranja” (ASSIS, 2004, vol. II, p. 346). Cabe a afirmação de que “O espelho” *é* “matriz de uma certeza machadiana que poderia formular-se assim: só há consistência no desempenho do papel social; aquém da cena pública a alma humana *é* dúbia e veleitária” (BOSI, 2003, p. 102). A “certeza machadiana” ainda seria, contudo, questionada, naquele que *é* um dos diálogos mais atraentes da literatura brasileira: o conto-resposta “O espelho”, de João Guimarães Rosa, e sua procura pelos “índices do misterioso”.

1.1 Jacobina e Pasenow

Pode-se ler no conto “O espelho” a presença de dois narradores, um primeiro em terceira pessoa e um segundo em primeira pessoa (Jacobina). O narrador primeiro funciona como uma moldura para o episódio central do texto, introduz a situação, descreve o ambiente com suas personagens e comenta as cenas para, em seguida, deixar que Jacobina exponha seu caso – fala que sofre um corte apenas quando o final do texto se aproxima e determina: “Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas” (ASSIS, 2004, vol. II, p. 352).

A alternância de foco narrativo existente no texto parece já reproduzir a “teoria” proposta. Jacobina, quando narrador, apresenta-se ele mesmo ao leitor. Por sua vez, o narrador primeiro (terceira pessoa do singular) lê e interpreta Jacobina, respondendo assim pela outra metade do outrora jovem alferes e no momento homem “entre quarenta e cinquenta anos”, “provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico” (ASSIS, 2004, vol. II, p. 345).

Este caráter duplo de Jacobina, já presente na enunciação, revela-se com a perda de sua imagem no espelho, como já notamos, e segue, acrescido de significados, no momento em que ele veste a farda, o traje militar. O evento, que, simbolicamente, envolve o vestuário como signo de uma representação social, parece importar à modernidade. Reconhecer-se a partir da segurança da vestimenta põe a nu que algo no indivíduo *é* conflitante. No primeiro romance de Hermann Broch, *Os sonâmbulos*, há uma personagem que se vale constantemente do apoio de sua farda. A função da veste de Joachim von Pasenow *é* afirmar a permanência de um mundo que se despede, no ocaso do século XIX. O narrador de Broch desenvolve o problema com as seguintes palavras:

[...] um verdadeiro uniforme assegura a quem o enverga uma nítida demarcação da sua pessoa em relação ao mundo envolvente; *é* como um estojo duro no qual mundo e pessoa se entrechocam claramente e entre si se distinguem; verdadeira função do uniforme *é* mostrar e estatuir a ordem no mundo e suprimir a delinquência e fluidez da vida, da mesma maneira que

esconde a moleza e fragilidade do corpo humano, tapa a roupa interior e a pele, e o soldado em guarda tem de calçar as luvas brancas. Assim, ao homem que pela manhã aperta a farda até ao último botão, é-lhe dada uma segunda pele, mais espessa; é como se regressasse à sua verdadeira vida, uma vida mais sólida. Encerrado no seu rígido estojo, fechado com correias e colchetes, começa a esquecer as suas roupas de baixo e a insegurança da vida: a própria vida se afasta para longe. (BROCH, 1988, pp. 23-24.)

1.2 Machado de Assis

Pode a idéia de Jacobina dizer algo sobre a representação de Machado de Assis? Qual a noção que o conjunto dos usos feitos do nome Machado de Assis pode configurar? Entre os leitores mais conhecidos do autor há uma “alma exterior” do escritor e do homem, que é seu nome como uma espécie de instituição literária, estando “claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira” (ASSIS, 2004, vol. II, p. 346). Morto o homem Joaquim Maria Machado de Assis, poderíamos atribuir-lhe as palavras de Jacobina, fazendo dele um defunto autor que dissesse: “A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado” (ASSIS, 2004, vol. II, p. 348). A patente, no caso, seria a de escritor, e hoje resistimos em dissociar sua vida e obra daquilo que olhou “de fora para dentro”. A “alma exterior” de Machado de Assis é fortuna póstuma, sobretudo, e é ela quem procura definir no presente a “mesma pessoa” que um dia escreveu os poemas de *Crisálidas* e as memórias do conselheiro Aires.

As tentativas de apreensão da obra de Machado de Assis levantam diversas questões. Sem que se esgotem as possibilidades, encontramos as reprovações de um Sílvio Romero, os elogios de um José Veríssimo, as variadas formas biográficas desde as memórias de Mário de Alencar e as conferências de Alfredo Pujol, os problemas concernentes ao humorismo (*humour*) de um tom narrativo, os diagnósticos daqueles que vislumbraram um escritor perturbado, as interpretações sociológicas que conferiram aos textos de Machado de Assis um caráter documental (de Astrojildo Pereira a Roberto Schwarz), o levantamento dos elementos de uma tradição satírica que incluiria Machado de Assis entre Luciano de Samósata e Lawrence Sterne, enfim, uma constelação bastante diversificada para a composição daquilo que se pense hoje sobre o nome Machado de Assis. No fluxo permanente do tempo que se forma a “colcha de retalhos” que é sua “alma exterior”. Seriam os fragmentos conjugáveis?

Uma interessante proposta de síntese deste fenômeno que é o nome Machado de Assis está nos estudos de seus biógrafos. Das “saudosas” páginas escritas pelo filho de José de Alencar, em 1908, aos estudos de Jean Michel Massa e Magalhães Júnior, a escrita biográfica sobre Machado de Assis é extensa e diversificada. Podemos também incluir neste conjunto os estudos sobre a obra do escritor que operam a partir de um princípio no qual as significações do texto machadiano justificariam a personalidade de quem as escreveu, ou, invertendo a fórmula, fazem daquilo que se soube ou se deduziu sobre a vida do homem Machado de Assis uma espécie de argumento capaz de explicar a obra do escritor. Palavras de Peregrino Júnior exemplificam:

Ocultos nos subterrâneos da alma do estranho escritor, as sondagens psicológicas conseguem surpreender elementos da maior importância para a análise e definição da sua categoria mórbida: o sadismo, o pessimismo, o

egoísmo, o narcisismo, a sensualidade, a iteratividade, a estabilidade, a ambivalência, a delicadeza, a dissimulação. Contudo, posto esses fatos e essas observações já nos possam dizer muito sobre seu temperamento, é sem dúvida na sua obra, “a grande janela em que sua alma se debruça sobre o mundo” – que encontramos a demonstração e a confirmação de todas as nossas suspeitas e cogitações. (PEREGRINO JÚNIOR, 1938, p. 23.)

Ou as de Mário Matos, nas quais encontramos sua contribuição para a “alma exterior” de Machado de Assis enquanto ele pensa encontrar sua “alma interior”: “A obra é amarga como lhe foi intimamente dolorosa a existência. É o espelho de sua vida interior. O homem é os seus personagens. Os personagens explicam o autor” (MATOS, 1939, p. 451).

Outro estudioso que se propôs entender o homem Machado de Assis através de sua obra é Augusto Meyer. Este, porém, deita um olhar mais agudo sobre a complexidade da obra machadiana. É interessante observar a leitura que faz do texto “O espelho”, ou melhor, a leitura que faz do homem Machado de Assis a partir do conto:

Machado de Assis não vestiu a farda, não achou a sua alma exterior. Sempre o veremos em frente do espelho, balbuciando umas coisas vagas, sublinhadas de sorrisos, num delírio de gestos e intenções que se fundem na mesma imagem esgarçada. (MEYER, 1958, p. 69.)

Se Machado de Assis não encontrou sua “alma exterior”, Augusto Meyer contribuiu para a sua constituição. Assim também fizeram Alfredo Pujol e Lúcia Miguel Pereira, o primeiro em suas conferências ocorridas entre 1915 e 1917 e a segunda, sobretudo, em sua biografia publicada em 1936.

Alfredo Pujol, estatuário, colocou em palavras o busto de bronze de Magrou e fez a biografia do “grande escritor” Machado de Assis, “o maior do Brasil literário e um dos maiores da língua portuguesa de todos os tempos” (PUJOL, 1934, p. VII). Em texto de novembro de 1934, Lúcia Miguel Pereira, provavelmente então dedicada à feitura de sua biografia, bem repara o caso, apontando um “senão” no discurso de Pujol, ao observar que Machado de Assis era ali “visto sobretudo pelo lado de fora; o retrato é feito em pinceladas muito largas, desdenhando os pormenores, deixando na sombra as sutilezas do modelo” (PEREIRA, 1992, p. 195). Nota-se, a partir das palavras de Lúcia Miguel Pereira, que há caminhos abertos para outras abordagens biográficas – abordagens dispostas a trilhar as vias do “lado de dentro”, como a de Augusto Meyer, sobre a qual ela teceu, em setembro de 1935, o seguinte comentário:

No mais, o homem subterrâneo de Augusto Meyer, é bem Machado de Assis. Fez muito bem em opor-lhe a realidade profunda à superfície anatoleana. Essa semelhança com Anatole France, que muita gente vê nele, é como disse o autor, uma atitude, uma simples aparência. Machado a assume, mas ela só pode iludir aos que o lêem apressadamente. É a “alma exterior” que serve de tema ao “Espelho” – uma das páginas mais importantes da sua obra [...]. (PEREIRA, 1992, p. 200.)

A “alma exterior” de Machado de Assis e seu conto “O espelho” ainda iriam ocupar outras páginas de Lúcia Miguel Pereira. Em seu *Estudo crítico e biográfico*, a “alma exterior” seria um desdobramento daquela “lei da equivalência das janelas” descoberta por

Brás Cubas no capítulo “É minha!”, das *Memórias* (PEREIRA, 1946, p. 227). Vestir a farda, como o fez Jacobina, valeria o mesmo que a prática de uma ação compensatória que “arejasse o espírito” de Brás Cubas. Lúcia Miguel Pereira ainda definiria as duas almas do homem Machado de Assis, sendo a “exterior” representada pelo conselheiro Aires e a “interior” pela “tão humana e tão fora do mundo” Flora, personagens do mesmo livro (PEREIRA, 1946, p. 279). Por fim, no ano de 1957, num último escrito sobre o tema, afirma ter “a impressão de que a gramática está errada num ponto: o verbo possuir é um verbo passivo; só se deveria dizer ser possuído”, referindo-se aos bens que assumem a função de “alma exterior” (PEREIRA, 1994, p. 26).

A tentativa de apreensão totalizante empreendida por Lúcia Miguel Pereira em sua biografia pode ser mais atualmente contestada pelo uso que então fez a autora de critérios “científicos” atualmente em desuso, ou também, outra maneira interessante de situar a escrita biográfica da autora é relacioná-la à tradição daquilo que se entende de um modo mais ou menos descomprometido por *Bildungsroman*, como fez Maria Helena Werneck ao aproximar os capítulos segundo e terceiro do *Estudo crítico e biográfico* do tipo de escrita praticado e estudado pela romancista Lúcia Miguel Pereira,

[...] cuja narrativa contempla os seguintes núcleos temáticos: infância da personagem, conflito de gerações, provincianismo ou limitação do meio de origem, o mundo exterior (a sociedade em sentido amplo), auto-educação, alienação, problemas amorosos, busca de uma vocação e de uma filosofia de trabalho que podem levar a personagem a abandonar seu ambiente de origem e tentar uma vida independente (WERNECK, 1996, p. 130).

Como é tarefa comum à crítica e teoria literárias recentes problematizar aquilo que se escreveu sobre determinado autor em determinada época através da contextualização dos enfoques, surpreende encontrar, em 1939, um texto de Lúcia Miguel Pereira intitulado “Interpretações de Machado de Assis”, publicado originalmente na revista *Intercâmbio* em seus três primeiros números e reproduzido na terceira edição de sua biografia de Machado de Assis. Surpreende também notar sua ausência na seleção feita por Luciana Viégas, responsável pela recuperação e atual circulação dos textos de Lúcia Miguel Pereira anteriormente publicados em periódicos. Embora longo, os dois primeiros parágrafos do texto devem ser reproduzidos integralmente:

Será possível, mesmo à posteridade, formular juízo definitivo sobre uma obra literária?

Existem, evidentemente, quando muito amplos, critérios absolutos de julgamento, que correspondem a elementos essenciais, estáveis, da natureza humana, mas que só se aplicam a aspectos muito gerais. Um grande artista será considerado como tal por todas as épocas, mas se se indagar como e porque é grande as explicações serão diferentes. Cada geração responderá a seu modo, e, nessa resposta, definirá talvez menos ao artista do que a si própria. O julgamento literário – em que entra, forçosamente, muito de subjetivo – é a resultante de uma relação entre uma constante – a obra – e uma variável – o leitor. Dependerá da qualidade e quantidade das emoções e idéias suscitadas pela leitura. Ora, como só nos impressionam realmente as sensações que estávamos preparados para receber, a obra passa a agir como um reativo, fixando tendências e formas de sentir. Guardamos dela o

que em nós encontra eco, o que corresponde a uma necessidade do nosso espírito. O resto, no momento letra morta, se irá mais tarde gravar em sensibilidades diferentes. (PEREIRA, 1946, p. 355.)

Esboço recuado no tempo de uma *Rezeptionsästhetik*, o texto de Lúcia Miguel Pereira coloca em questão sua própria metodologia empregada quatro anos antes no *Estudo crítico e biográfico*. Na continuidade desse texto ainda será defendida a necessidade de um grande número de interpretações divergentes para que seja mantida a vida de um texto literário; e isso parece responder à nossa pergunta anteriormente formulada e aqui repetida: seriam conjugáveis as diversas interpretações de Machado de Assis? A melhor resposta parece ser a negativa, pois só assim, como “alma exterior” que é, a fortuna crítica machadiana continuará a “transmitir a vida”, ou, ao menos, “alguma vida”.

Machado de Assis? “Que encontrarão nele os leitores de amanhã?” (PEREIRA, 1946, p. 357). Certamente nossas contradições, aliás, “a eterna contradição humana”, como disse Deus ao encerrar o conto “A igreja do Diabo” (ASSIS, 2004, vol. II, p. 374). Se o silêncio da assinatura de Machado de Assis é similar ao de Jacobina, os retalhos provavelmente continuarão a lhe moldar a alma, sombra sobre a obra. “Ah, o tempo é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais” (ROSA, 1991, p. 66).

Referências Bibliográficas

- [1] ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vols. I, II e III. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar; Códice, 2004.
- [2] BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. Ática: São Paulo, 2003.
- [3] BROCH, Hermann. *Os sonâmbulos. Pasenow ou o Romantismo*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- [4] CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis”. In: *Vários Escritos*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977, pp.13-32.
- [5] COUTINHO, Afrânio. “Machado de Assis na literatura brasileira”. In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar; Códice, 2004, pp. 25-29.
- [6] JOBIM, José Luis (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.
- [7] MATOS, Mário. *Machado de Assis: o homem e a obra. Os personagens explicam o autor*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.
- [8] MEYER, Augusto. *Machado de Assis (1935-1958)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- [9] PEREGRINO JÚNIOR. *Doença e constituição de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- [10] PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis – Estudo crítico e biográfico*. 3ª ed. Rio de Janeiro; Recife; Bahia; Pará; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1946.

- [11] _____. *A leitora e seus personagens. Seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros*. Pesquisa bibliográfica, seleção e notas: Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 1992.
- [12] _____. *Escritos da maturidade. Seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959)*. Pesquisa bibliográfica, seleção e notas: Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.
- [13] POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- [14] PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- [15] ROSA, João Guimarães. “O espelho”. In: *Primeiras Estórias*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, pp. 65-72.
- [16] SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução, prefácio e notas: Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- [17] VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira – de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- [18] WERNECK, Maria Helena. *O Homem encadernado. Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: edUERJ, 1996.

¹ **Daniel Reizinger BONOMO, doutorando.**

Universidade de São Paulo (USP).

Departamento de Letras Modernas.

drbonomo@gmail.com

² Outras duas advertências escritas para reedições de seus livros trazem a mesma constante: as “duas fases”. Torna-se o romance *Helena*, com as emendas da revisão de Machado de Assis em 1905, um “capítulo da história” de seu “espírito, naquele ano de 1876” (ASSIS, 2004, vol. I, p. 272). A reedição de *Ressurreição*, neste mesmo ano de 1905, é ainda mais clara, e assim assina Machado: “Este foi o meu primeiro romance, escrito aí vão muitos anos. Dado em nova edição, não lhe altero a composição nem o estilo, apenas troco dous ou três vocábulos, e faço tais ou quais correções de ortografia. Como outros que vieram depois, e alguns contos e novelas de então, pertence à primeira fase da minha vida literária” (ASSIS, 2004, vol. I, p. 116). Uma crítica à divisão freqüente que se faz da obra de Machado de Assis em duas fases diferentes pode ser encontrada nos leitores Astrojildo Pereira, em 1958, e, em 1959, em Afrânio Coutinho, defensor de uma “evolução” progressiva para o conjunto de textos do autor de *Dom Casmurro*. Postura semelhante à de Coutinho é a de José Veríssimo, em sua *História da literatura brasileira*, defendendo cada livro de Machado de Assis como “um progresso sobre a anterior”.

³ Cf. JOBIM, José Luis (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001, p. 73.

⁴ Lembre-se do caso exemplar de Aristarco, em dia de festa, numa sacada do *Ateneu* próxima à inscrição que reluzia o nome do instituto: “O anúncio confundia-se com ele, suprimia-o, substituía-o, e ele gozava como um cartaz que experimentasse o entusiasmo de ser vermelho” (POMPÉIA, s/d., p. 16).